

a ambigüidade como direito humano a ser concretizado no cotidiano escolar nas relações entre liberdade e disciplina, entre educação e trabalho, entre cooperação e individualidade consciente (p. 67-70).

Percorrer esta leitura propicia a todos os interessados em educação um excelente momento de reflexão, especialmente aos educadores que atuam na escola, ou fora dela, permite estabelecer um produtivo diálogo com suas próprias perspectivas educativas e sociais.

QUANDO A TRAMA TEÓRICA FICA POR CONTA DO LEITOR

*Ezequiel Theodoro da Silva**

BIANCHETTI, Lucídio (org.). *Quando a Trama Teórica fica por conta do Leitor*. Trama & Texto. Leitura Crítica e Escrita Criativa. Volume I. São Paulo - Plexus Editora, 1996. 192 pp.

A força das coletâneas resulta da diversidade de pontos de vista sobre um determinado tema, permitindo ao leitor o estabelecimento de semelhanças e/ou contrastes entre as idéias de diferentes autores. Em *Trama & Texto*, são onze ensaios, produzidos por dezesseis colaboradores que esquadriham o campo da leitura/escrita, nesse esquadrihamento, aparecem desde questões relacionadas aos fundamentos dos dois processos até aquelas voltadas a procedimentos pedagógicos para a sua condução crítica em sala de aula. Nas palavras do organizador do livro, “a preocupação foi lançar flashes sobre o ler e o escrever, numa perspectiva Interdisciplinar, tecnicamente plural (...)” (p. 11).

Ainda que presente o sumário do Volume II (a ser publicado), os referenciais discutidos parecem tender mais ao aprofundamento das práticas de escrita do que das práticas de leitura em sociedade e, mais especificamente, no contexto escolar. Tal tendência, entretanto, não trai o título da obra mesmo porque, em função

da complementaridade dos atos de ler e escrever, são realizadas, pelos autores, importantes incursões na esfera da leitura. Outrossim, as bibliografias que acompanham os textos são atualizadas e pertinentes, permitindo constatar não só o poder de síntese dos vários colaboradores com também o rigor na seleção de informações a respeito dos processos tematizados.

As três primeiras dissertações da coletânea (*Trabalho, linguagem e consciência: uma mediação que fundamenta a prática escolar*, de Isilda C. Palangana; *Concepção dialética de escrita-leitura: um ensaio*, de Ari Paulo Jantsch; e *A escrita e a superação do senso comum*, de Sérgio Schaefer) fornecem algumas balizas mestras para se pensar a produção da escrita. Tentando aqui, talvez arrajadamente, uma aproximação do pensamento dos três autores referidos, poderíamos afirmar que a escrita é discutida na perspectiva do materialismo dialético e, por isso mesmo, caracterizada como uma prática humanizadora e libertadora do sujeito. Daí que “ensinar a escrever é ensinar a pensar e a criar; é ensinar a conceituar, de modo a se poder apropriar-se da realidade, interpretando-o e produzindo-a” (p. 46) onde “(...) todo texto é uma leitura da realidade ou todo ato de escrever pretende ler” (p. 49).

Vale ressaltar, dentre essas reflexões iniciais, a excelente análise que Schaefer realiza do conceito de ‘senso comum’. Esse estudioso executa um minucioso levantamento histórico, de Platão a Deleuze, no intuito de aclarar as múltiplas interpretações desse conceito, acentuando que o senso comum “não é uma cognição morta, pacífica, incolor, fruto de indolência intelectual, espécie de torpor nebuloso ou algo do gênero. O senso comum se define pela necessidade de uma escolha, o que Institui o dilema, o conflito e o passo em frente que é o ato de escolher ou isto ou aquilo. Feita a escolha, institui-se o senso comum” (p. 63). Supera-se, dessa forma, a noção ligeira que trata o senso comum como uma mera folclorização de aspectos da realidade.

* Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP

Um conjunto de trabalhos contidos na obra volta-se para questões relativas ao ensino-aprendizagem da escrita. Bianchetti, em *Escrever: uma das armas do professor*, critica o enfado que muitas vezes circunscreve a produção e circulação da escrita dentro da academia; ao mesmo tempo, aprofunda idéias sobre o fenômeno da censura e propõe que a escrita seja tomada como elemento de constituição de sujeitos que lêem criticamente a realidade. Ferreira, com o artigo *Escrever: um ato de libertação*, toma a escrita como "(...) um dos mais eficientes métodos de comunicação e de liberação dos sentimentos, portanto, de alívio e de cura.." (p. 110) Para corroborar as suas afirmações, este autor lança mão de textos produzidos por sua filha ao longo de doze anos. Akele, em *A escrita numa perspectiva textual e a concepção dialética da linguagem*, discorre sobre as contribuições da lingüística e da dialética para o ensino da escrita, enfatizando o cuidado que deve ser tomado na compreensão da unidade coesão/coerência. Zanatta entrelaça contribuições de Vygostky, Luria, Bakhtin, Da Ros e Scarpa, mostrando como a linguagem escrita exerce um papel de estruturação do pensamento; ressalta que "ler e escrever não são apenas 'ferramentas' de acesso ao saber sistematizado. São aprendizagens e exercícios de apropriação dos processos mentais que asseguram uma relação teórica com a realidade objetiva, porque os conteúdos escolares são representações de sistemas de conceitos historicamente determinados" (p. 149).

Outro bloco de ensaios (*Produção textual: ação solitária ou solidária?* de Hulda C. de Souza; *Pão e ouro - burocratizamos a nossa escrita*, de Sonia Kramer; e *Devem os alunos escrever?*, de Olinda Evangelista) critica as mazelas do sistema escolar quando do encaminhamento da leitura/escrita, especialmente em decorrência da mecanização desses processos, da empolgação inócua e vazia que permeia os aspectos da produção de textos nas salas de aula. Essas três autoras, além de fornecerem sugestões muitos proficuas para a elaboração de uma pedagogia crítica da linguagem, reiteram a necessidade de produções

voltadas (à análise da realidade social, à humanização das pessoas e à construção da cidadania. Vale a pena inserir aqui uma colocação - extremamente lúdica - de Kramer "Pouco a pouco, as palavras são uniformizadas, têm os seus vários sentidos congelados ou são deixadas sem sentido nenhum. Importa cada vez menos o conhecimento e cada vez mais a informação; menos a compreensão e mais os fatos, as notícias. Penetrando nas mais diversas modalidades de linguagem - na jornalística, na política, na da televisão, na pedagógica, na linguagem comum - tal esvaziamento da linguagem elimina a expressão e afasta quem pronuncia as palavras do assunto que pretende discutir, como as máquinas alienam cada vez mais o trabalhador da sua produção ou tal como, no dia a dia, os aparatos tecnológicos nos distanciam de que buscamos nos aproximar, compreender" (p. 171).

O arremate da obra é feito com um trabalho produzido por alunos do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFSC, intitulado *Reminiscências de escritores em desenvolvimento: o processo de escrita do ponto de vista dos alunos*, onde, via depoimento coletivo na forma de história, fica evidenciado o que eles chamam de "assassinato pedagógico do sonho de escrever" (p. 184) - assassinato esse produzido a partir dos mecanismos endafonhos usados pelos professores nos diferentes níveis de escolarização. Por isso mesmo, esses pedagogos em formação defendem uma mudança radical de posturas e de procedimentos de modo que o ler/escrever possa ser tomado como estímulo e desafio para a reflexão.

Ainda que não apresente uma proposta sistematizada e coletiva para o ensino da leitura e da escrita nas escolas brasileiras, esta obra merece ser lida pelos educadores. Isto porque o leitor, a partir do estudo crítico dos ensaios, poderá, sem dúvida, obter elementos para uma requalificação do seu trabalho profissional e, ao mesmo tempo, se for devidamente astuto, derivar propostas para a melhoria do ensino-aprendizagem da escrita nas suas aulas. Agora é torcer pela publicação do Volume II no sentido

de obter mais idéias diferenciadas e Plurais sobre esse dois andaimes da educação

escolarizada, ou seja, os atos de ler e de escrever.

